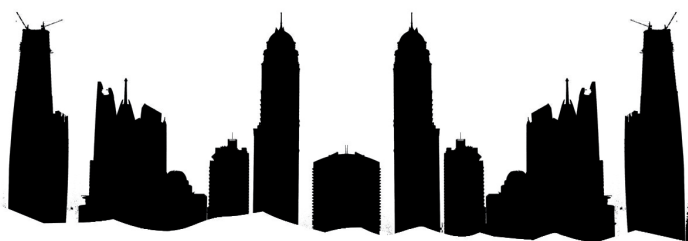


FACTOR R

RENEGADOS



SAGA FACTOR R #1

H. S. MOREIRA

Título Original: Factor R – Renegados

Autora: H.S. Moreira

Copyright © H.S. Moreira

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Rita Félix

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Rafaela Silva

Imagens de Capa: Pexels © Abhilash Mishra © Amine M'siouri © Emiliano Arano

© Gantas Vaiciulėnas © Ming Sun © Vera

Unsplash © Clement Proust

Finalização: Aléxia Oliveira

Marketeer: Margarida Caçador

1ª Edição: outubro de 2024

Acabamento/Impressão: Líberis

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

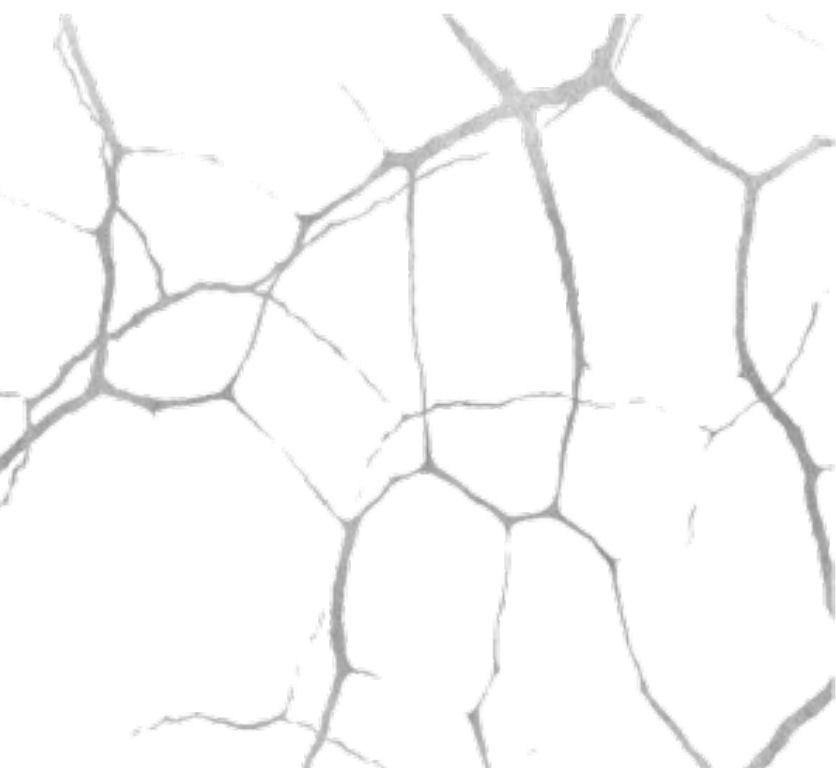
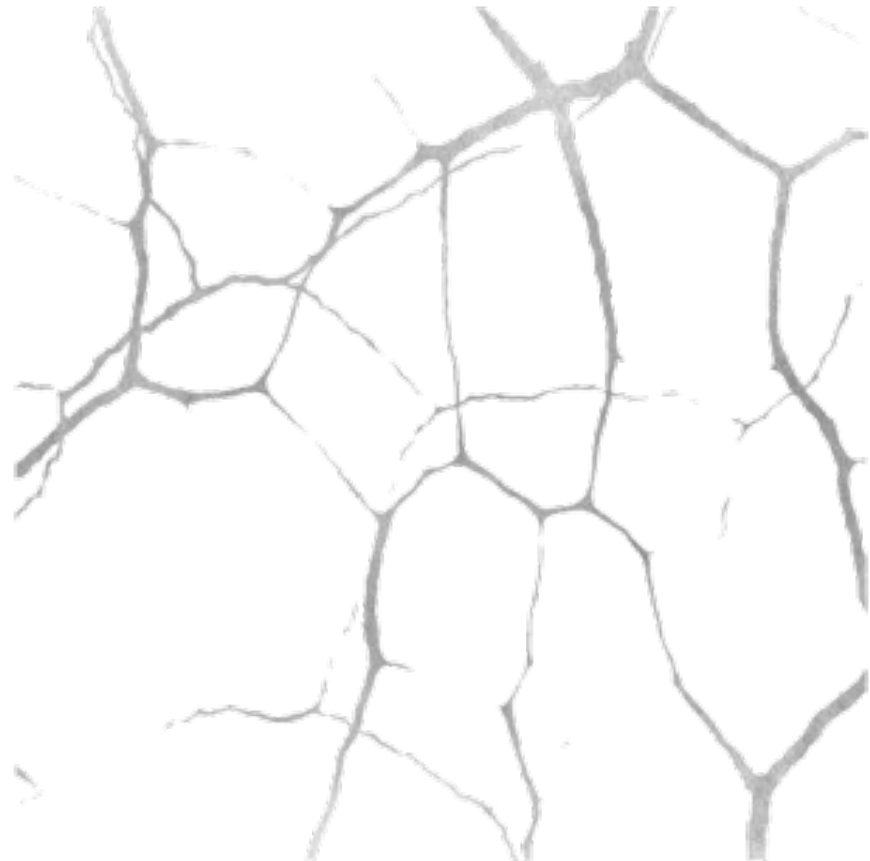
[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 538825/24

ISBN: 978-989-9166-88-2



A ti. Porque cada número te é dedicado, pai.



Nota de Autora

Um dos locais que é visitado pela primeira vez e descrito pela personagem principal, é meramente fictício. Não representa qualquer tipo de realidade.

DECRETO-LEI Nº 20/1050 PÓS QUEDA

ARTIGO 3.º

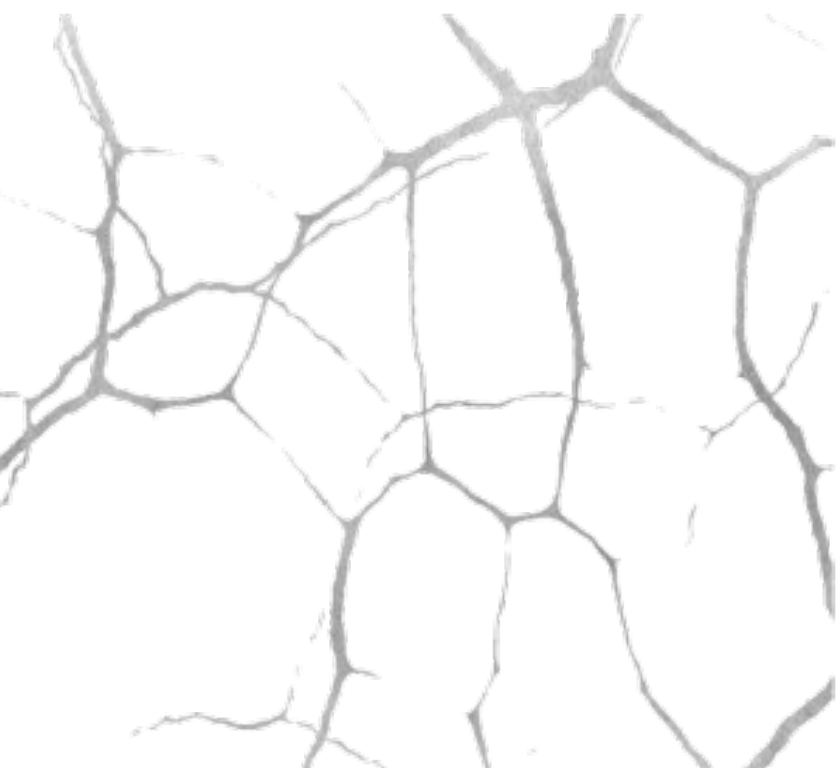
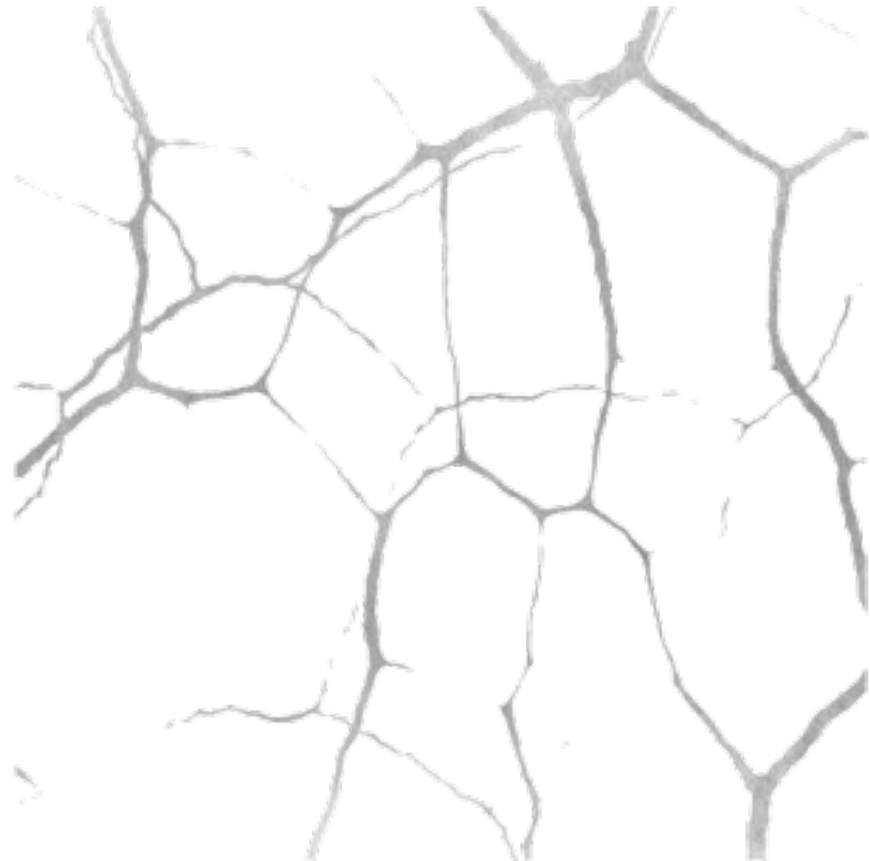
25.º O exame R é obrigatório para todos os cidadãos desde o primeiro ano de vida [...];

26.º Todo aquele que for diagnosticado com o Gene R será de imediato expulso de toda e qualquer Alda;

27.º As informações do cidadão com Gene R serão eliminadas do banco de dados [...];

(...)

30.º [...] os agentes da autoridade estão proibidos de matar qualquer Factor R [...];





1

HAIDI

DIA 31 DO ANO 3532 P.Q.

21H39

Ouvia-se o som dos meus passos de corrida no chão frio do largo corredor, observada pelas múltiplas pessoas retratadas nas fotografias e quadros de família, mesmo os que não tinham o sobrenome Belmont, como o de Dala Trofar, a antepassada mais longínqua. O peso dos seus olhares recaía sobre mim, ainda que incapazes de me demover do meu objetivo: o quarto dos meus pais.

Os pestinhas dos meus irmãos já lá estavam, com os seus pijamas castanhos, cheios de pequenos ursos, bem enroscados à nossa mãe, que vestia um pijama rosa, macio, no qual tanto gostava de tocar. Senti as bochechas a ficarem vermelhas, chateada por ver como os gémeos me haviam roubado o lugar. A minha mãe riu-se.

— Vem sentar-te aqui, meu amor. — Ela era linda, mesmo com o cabelo cobreado preso num coque desalinhado.

Ela esticou as pernas por baixo do fino lençol branco e separou-as para eu me sentar no meio. Subi para a cama, inicialmente a contragosto, sentando-me sob os meus pés descalços. Sentia a macieza da roupa de cama debaixo das pernas desnudas. Nas mãos da minha mãe repousava um tablet, do qual, inclinado, pude ver o título «Factor R — Versão Simplificada».

Iria começar a dar na escola, de forma mais aprofundada, a História sobre os Factor R, o que só acontecia após todos os alunos realizarem um novo Exame ao Gene R. Era tão aborrecido ter de o fazer todos os anos.

A professora Sécria sugeriu a todos os pais que nos comessem a contar a História e explicassem os aspetos principais. A professora costumava dizer que era essencial sabermos os erros do passado, como os Factor R

surgiram, quem eram e o que fizeram. Acima de tudo, era importante aprendermos a mantermo-nos longe do deserto, longe dos Factor R.

Não importava a instância: sair das Aldas era proibido.

— Vamos começar? — perguntou a minha mãe.

— O papá não vem? — perguntei, procurando por ele, com o olhar, na casa de banho privativa.

— Daqui a pouco já se junta a nós — informou, decidindo, por fim, a página em que deveria começar.

Não me agradava começar sem o papá, mas sabia que o seu trabalho era importante e não devia ser incomodado.

— O que sabem sobre os Factor R? — Levantei rapidamente a mão, primeiro que o Maxione. Ao lado da nossa mãe, o Garuel continuava com os olhos mais fechados do que abertos.

— São muito fortes. E rápidos. E são diferentes... — Não sabia exatamente como completar aquela frase. Tinha dito duas diferenças, mas parecia ser apenas isso. Eles eram iguais a nós em aparência, apenas mais altos.

— Por isso, eles... não podem estar aqui. — Os olhos verdes da minha mãe brilhavam com o riso provocado pela atrapalhação do meu irmão mais novo.

— Sim, é verdade. — Voltou o tablet para mim, mostrando as ilustrações de dois corpos humanos, o de um homem e o de uma mulher. — Têm várias diferenças físicas e psicológicas. Segundo o que se sabe, têm os sentidos mais apurados, como a visão, a audição... — O nosso quase adormecido irmão riu-se com as cócegas que a nossa mãe lhe fez na orelha descoberta.

Por isso é que gostava de ouvi-la contar histórias, tinha sempre uma versão diferente e um pouco mais suave. Mostrei-lhe um sorriso e abri bem olhos, observando-a rir com a minha ação.

— Eles foram criados para a guerra — informou a minha mãe. Mostrou-me outros slides lentamente. — E alguém sabe o que nos protege agora?

— As muralhas e as cúpulas! — A minha mãe assentiu com a minha resposta. O Garuel voltou a agitar-se por causa de eu estar a falar muito alto.

— Exatamente. Começaram a construir várias casas, que mais tarde se tornaram o que conhecemos como as Aldas Urbanas e Rurais.

Tudo fora criado do zero pelos primeiros cidadãos das Aldas. Só pensava em como deviam ter sido pessoas incríveis.

— E também nos protege dos Factor R, não é? — perguntei, ao que ela voltou a assentir.

— Sim, apesar de eles terem surgido mais tarde, devido a uma guerra e à mutação do Gene...

— O Gene R! — murmurou o Maxione. O Garuel nem se mexeu.

— *Sim. E isso deu-lhes capacidades que excediam as de um ser humano normal, para o ocidente ganhar a guerra contra o oriente.*

— *Mas mesmo assim eles não podiam viver aqui?*

— *Claro que não. — A resposta não veio da minha mãe.*

Vi o Garuel levantar a cabeça, antes de me voltar para ver o nosso pai. Observei que numa mão trazia a gravata, enquanto com a outra desfazia o primeiro botão da impecável camisa branca.

— *Papá!*

Gatinhei até à ponta da cama, onde ele se sentou e abracei-o. Ainda cheirava a água-de-colónia, mas, apesar do bom cheiro, o aspeto não estava melhor. Os olhos azuis estavam escuros por baixo.

— *Mas por que razão é que os Factor R não podem viver aqui nas Aldas? Eles antes ajudaram. — O meu pai limitou-se a encarar-me.*

Observei-o a ajeitar alguns fios do cabelo preto, da mesma cor que partilhava com os meus irmãos. Fazia-o sempre que nos queria explicar algo complicado. Pelo menos, era o que dizia a nossa mãe.

— *Porque eles têm regras e não aceitam as nossas condições para vivermos todos em paz. — Não entendia porque era necessário haver condições específicas para eles. — E não querem aceitar o Teste à Alma Gémea, as leis da nossa sociedade... Nem deixam as nossas ciências estudá-los para os ajudar com o seu gene mutante. Recusam-se a colaborar! Por isso, não têm o direito de viver junto dos restantes cidadãos...*

— *Airon...*

Com a reprimenda da minha mãe, o meu pai apercebeu-se que nenhum de nós estava a gostar muito do seu tom. Suspirou e sorriu, passando a mão sobre os meus cabelos, da mesma cor que os da sua esposa.

— *Para que não voltem a acontecer coisas más, temos todos de trabalhar em conjunto e os Factor R não querem. Preferem que seja tudo à maneria deles e não pode ser. Percebem? — Assenti várias vezes. — Eles fizeram coisas más e precisam de ser castigados.*

Percebia o que o meu pai queria dizer, mas continuava confusa em relação a algumas situações. Se eles nos ajudaram, por que tiveram de ser impostas tantas regras? Por que simplesmente não os deixaram viver à vontade? Se eles não queriam obedecer às leis, poderiam apenas ser punidos, como todos os que as quebravam.

Acabei por guardar todas essas dúvidas para mim, esperando para perguntar à professora.

— *Pode ser que um dia eles mudem de opinião. Ou nós — murmurou a minha mãe.*

— Nós não temos de mudar nada. Se foram expulsos para o deserto por alguma razão foi. Precisamos é que aceitem colaborar connosco e que estejam dispostos a ser estudados. Os nossos cientistas estão mais do que aptos para isso! — Puxei a camisa do meu pai, percebendo que ia começar a discutir, mais uma vez, com a nossa mãe. Olhou para mim e depois para os gémeos. Também eles estavam encolhidos. — Desculpem... Não queria assustar-vos. — O seu beijo e abraço fizeram-me esquecer a sua atitude.

— Está é na hora de irem dormir.

— Mas mãe... — lamentei em coro com o Maxione.

— Já está a ficar tarde, sim? Amanhã a mãe conta-te mais, Haidi.

O amanhã nunca chegou para a nossa mãe.

No silêncio da noite, a minha mãe falecera.

Ninguém estava à espera. Ela guardava segredo sobre o seu problema de saúde, até do meu pai. Ouvi o próprio comentar que ela desaparecia bastante, o que mais tarde se revelou serem diversas idas ao hospital. Todos notámos que estava mais magra, mas sempre fora esse o seu físico natural. Somente parecia mais abatida. Mas vi-a sempre a sorrir.

Todo aquele dia e parte das minhas memórias sobre ela não passavam de um borrão negro, pedaços soltos que praticamente não tinham ligação entre si e pareciam não me dizer nada. E, tal como aquele caixão de ferro, selei-as.

Cresci com a sua ausência, compartilhando uma enorme casa com dois irmãos barulhentos e um pai ainda mais ausente. E conheci a Rytha Price; alegre e cheia de vida, que preencheu os meus dias com risos.

Somente a Rytha sabia e partilhava da minha opinião sobre a História dos Factor R, custava-nos perceber a sua exclusão. Não a compreendíamos. Não os deixávamos de temer, principalmente pelas invasões e assaltos, vandalismo e todos os atos que não abonavam a seu favor. Só não nos deixávamos de questionar sobre diversos porquês.



2

HAIDI

DIA 245 DO ANO 3537 P.Q.

17H05

S aí do edifício oval da Alda Central com um tremendo nó no estômago, tendo como objetivo a saída aberta na muralha cinzenta. Não sabia como encarar o meu pai após o meu resultado do Teste da Alma Gémea. Isto nunca acontecera na nossa família e tinha de começar precisamente comigo?

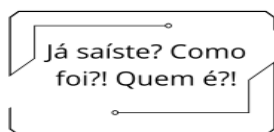
Era suposto chamar o nosso motorista, mas precisava de ficar sozinha. A todos os que foram fazer o teste comigo, esperavam-lhes parentes ou uma paragem de autocarro, onde aguardariam pelo transporte com um enorme entusiasmo.

Cabisbaixa, escutava os gritos de um pequeno número de pessoas escoltadas pela polícia bradando palavras como *injustiça* e *igualdade*. Reparei nos cartazes com mensagens e uma espécie de símbolo com mãos, que não consegui perceber corretamente. O restante, ignorei, jurando ouvir *Factor R* no meio do palavreado.

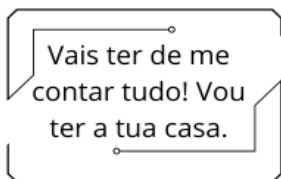
Não consegui evitar olhar mais uma vez para o resultado no telemóvel esperando uma mudança, nos segundos em que não lhe prestara atenção, mas simplesmente vi as letras néon na tela transparente a mostrar a realidade.

O que significaria não ter uma Alma Gémea? Que tipo de destino me esperava? Devia ligar à Rytha e pedir-lhe uma opinião? Ela fez o Teste e sabia com quem ficaria no seu futuro...

Com um suspiro voltei a pegar no telemóvel quando este tocou, passando o dedo pela tela fina para o desbloquear. Era uma mensagem da Rytha:



Nem tive tempo de responder à primeira mensagem, um alerta surgiu no telemóvel avisando-me de uma segunda:



Percebi como a minha mão tremia por de trás da tela transparente. Bloqueei o aparelho e dobrei ao meio aquele que era o meu novo telemóvel, guardando o dispositivo no bolso das calças. Só de pensar que o meu pai o comprou para celebrar um suposto bom resultado, mexia-me ainda mais com os nervos.

Continuei a caminhar e passei lentamente a ponte que ligava a Alda Central e a Alda 29, deixando a muralha para trás e encarando os prédios da cidade, enquanto a água deslizava em volta das estruturas que elevavam as Aldas. Ao lado, os carros passavam por mim, apressados. Sentia saudades do campo. Qualquer uma das sessenta e cinco Aldas Rurais servia, só para fugir de qualquer uma das agitadas quarenta e cinco Aldas Urbanas.

Quando pisei o chão cinzento da cidade, podia jurar ter visto um autocarro com alguns dos rostos que vira sair do edifício da Alda Central, ainda sorridentes. Ignorei-os e continuei a caminhar.

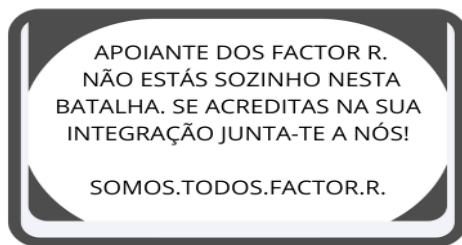
Entrei por um dos vários becos entre as casas. Percebi que foi limpo há pouco tempo, tal como outros por onde passei, passando pelos atalhos das várias ruas divididas em quarteirões quadrangulares. Eram os únicos locais onde a vegetação não estava presente e as portas não davam para as movimentadas avenidas.

Não queria chegar a casa e ver-me questionada sobre o resultado do Teste. A cada passo, o peso das palavras tornava-se pior, aumentando até não me deixar respirar. Com o corpo trémulo, levei uma mão à parede do beco, para evitar cair quando o fôlego se tornou irregular. Tentava ter calma, mantendo os pensamentos negativos longe, mas parecia impossível.

Passou-se um longo momento no qual me foquei apenas na minha respiração.

Para dentro e para fora. Para dentro e para fora, Haidi.

Só quando o tremor passou e baixei a mão, é que reparei que esta estava sobre um dos painéis onde passava uma publicidade. E aquele apresentava uma mensagem inesperada:



Os desenhos do painel continham um vibrante vermelho e um suave amarelo, juntamente com a Alda Central no fundo em cinzento. Por outro lado, a mensagem era simples e direta, com letras negras, grandes e redondas, a qual me deixou chocada.

Deparara-me uma vez na televisão com palavras semelhantes, escritas na camisola de um homem detido pela polícia. Aquela propaganda também não deveria ser permitida.

O som do meu telemóvel sobressaltou-me e dei um passo para longe da parede como se esta tivesse aquecido. Olhei para o aparelho e franzi o sobrolho ao nome que piscava. *Pai*.

Deixei-o tocar e ergui novamente a cabeça. A mensagem desaparecera. No seu lugar estava uma bela mulher a apresentar peças de roupa, desfilando de forma elegante. Não entendia o que se estava a passar.

O meu telemóvel parou e apressei-me a colocá-lo no silêncio. Apertei a alça da mochila e retomei a caminhada, pensando mais uma vez no resultado e em como o revelaria à minha família. Porém, a rua movimentada por onde entrara, o barulho das pessoas e do trânsito não ajudavam com o meu estado de nervos.

Para me afastar dessa zona comecei a caminhar até à praça, da qual se via o verde da relva e a cor das flores nos canteiros cuidados. No entanto, estava a ser complicado com todas aquelas pessoas no meio da rua de um dos quarteirões, obstruindo o passeio calçetado.

Os sons à minha volta eram difusos. O meu estômago parecia torcer-se, deixando-me enjoada. Cada passo em direção à praça, tornava o seu contorno familiar mais nítido, apesar de a minha cabeça estar um caos. A minha respiração voltou a ficar pesada. O meu corpo estava a responder ao turbilhão

de sentimentos. O som cessara de existir, como se tudo em mim se tivesse fechado para o mundo, deixando um silêncio perturbador na minha cabeça...

Abri os olhos quando um grito soou perto, quebrando aquela barreira. Assustei-me e, conseqüentemente, tropecei, fixando o asfalto e o beiral de pedra branca do passeio. De joelhos no chão e as mãos a arder com o impacto, olhei em volta, tentando compreender de onde viera aquele som.

Um desconhecido som ruidoso e forte preencheu o ar, seguindo-se de mais gritos desesperados. Ao longe, o chiar de pneus fez-se ouvir, seguido do som das armas de choque.

Antes de me conseguir mexer, com os pensamentos baralhados pela confusão, ecoou o mesmo som assustador, seguido do som de passos de corrida.

Ouvi novamente o som elétrico das armas da polícia e continuei agachada por precaução. O barulho parecia estar muito perto. Tentei levantar-me e consegui, a custo. Tinha os joelhos dormentes.

Repentinamente, senti um braço forte à volta do meu corpo e fui praticamente elevada no ar, levando-me a gritar. Tudo à minha volta se tornou num grande borrão de cores e imagens disformes. Não conseguia perceber quem me arrastava para fora do local onde caíra, levando-me para a segurança de uma longa e estreita rua.

A arfar, com o terror preso na garganta, levantei a cabeça para fitar quem o fizera. Deparei-me com um homem, alto e corpulento, mas não lhe conseguia ver as feições. O reflexo do sol brilhava sobre os meus olhos, ocultando-o.

Sem me dar tempo de reagir, as suas mãos empurraram-me para trás, encostando-me contra a parede. Com o sol agora oculto pelos prédios, consegui vê-lo a observar um ponto específico, de sobrolho franzido.

Deixei-me deslizar pela parede, aterrada, com as pernas moles e o coração aos saltos. Ele continuava diante de mim, sem se afastar. Continuava a olhar para a rua agitada, sem se afastar da esquina. E com o rosto de lado, era possível ver a ponta mais bicuda da sua longa orelha.

— Merda... — praguejou.

Tentei levantar-me de forma discreta, acabando por não conseguir evitar desequilibrar-me. Ele pareceu recordar-se da minha presença, encarando-me com os seus olhos escuros. Jurei ver a sua pupila arredondar, após esta me parecer uma linha fina no meio do olho, como se fossem os olhos de um gato.

— Devias ter fugido como toda a gente!

Não sabia o que lhe responder diante do súbito grito. Até que fez um sorriso torto e afastou os cabelos loiros da testa suada, revelando ainda mais as orelhas compridas. E as suas mãos... Da ponta dos dedos brotavam linhas avermelhadas.

— Ah, já percebi... — Atirou a minha mochila para junto dos meus pés e afastou-se. Esquecera-me completamente dela. — Não tens de *agradecer*. — E após me lançar um olhar de escárnio, voltou a correr, numa velocidade inumana, para o lado oposto de onde viéramos.

Encostei a mochila ao peito, sentindo-a molhada e apercebendo-me de que a minha garrafa de vidro se havia partido com o impacto. Respirei fundo e olhei para onde ele tinha desaparecido. Nem sinal daquele homem.

As minhas pernas ainda tremiam, mas, aos poucos, consegui levantar-me, continuando a ouvir a confusão na rua principal. De pé e ainda com o coração na garganta, caminhei lentamente até à avenida movimentada, onde vi outro carro da polícia a passar, antes de ouvir uma grande agitação vinda do local onde estivera parada momentos antes...

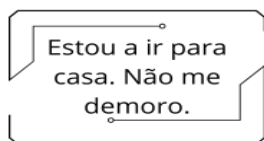
Aquele Factor R salvou-me de ficar presa entre uma parede e um veículo que se despistara. Felizmente, todos pareciam bem, mas eu não teria sobrevivido. O pensamento arrepiava-me.

Olhei para trás, tentando ver o meu salvador. Não esperava aquela atitude por parte de um Factor R, não com tudo o que sabia a seu respeito. Eles ceifavam vidas, não as salvavam.

Trémula e com mil pensamentos, afastei-me, caminhando na direção oposta. Tentava manter-me de pé, seguindo junto à parede caso as pernas cedessem só de pensar que quase morrera.

No instante em que coloquei a mão no bolso das calças, senti um ardor. Olhei para ambas as palmas e estavam esfoladas pela queda. O medo não me permitira sentir nada, mas agora que o meu corpo se acalmava, até os joelhos começavam a latejar de dor. Olhei para eles e pelo menos as calças brancas estavam apenas sujas de poeira.

Apesar do ardor, consegui puxar o telemóvel para fora do bolso. Precisava de abafar aqueles pensamentos por um instante. Não hesitei em enviar uma mensagem à Rytha:



Comecei a percorrer a rua a passos largos — ou pelo menos como conseguia. Precisava de contar tudo à minha amiga: sobre a força brutal dele, a sua velocidade, o salvamento... Ele elevou-me do chão como se eu não pesasse nada! Como conseguia ter aquela força? A rapidez?

Precisava de pesquisar mais a fundo sobre os Factor R, perceber que outras habilidades possuíam. E o porquê daquelas linhas nas mãos. Perguntava-me se apareceria algo nos fóruns — isto antes de serem apagados. A História tinha poucas descrições sobre eles e as poucas existentes não me bastavam. Acreditava ser algo que valia a pena saber mais.

Perguntava-me se o meu pai iria achar piada à minha súbita curiosidade.



3

HAIDI

DIA 20 DO ANO 3542 P.Q.

07H28

Desci as escadas do corredor, e da sala de refeições emanava o aroma a bolo e pão quente, envolvidos pelo doce cheiro de sumo de laranja. Ainda não tinha saboreado nada, mas conhecia as mãos de fada da Werty e sabia que estariam deliciosos.

Entrei na sala amarelada, com as grandes janelas a deixar entrar o sol da manhã, encadeando-me ligeiramente. O olhar dos homens presentes na sala voltaram-se para mim ao mesmo tempo e não pude deixar de sorrir por estarem tão sincronizados.

— Bom dia, filha — cumprimentou o meu pai à cabeceira da mesa. Já estava de *tablet* na mão, passando as páginas do jornal político, aprumado, com o cabelo negro perfeitamente puxado para trás e o fato cinzento sem o casaco.

— Bom dia, mana. — Somente o Maxione me cumprimentou, enquanto o Garuel enchia a boca com os seus cereais de chocolate favoritos, com o cabelo preto desgrenhado preso por uma fita.

— Bom dia — respondi.

Sentei-me ao lado do nosso pai, em frente do Maxione, com o Garuel a meu lado, e não esperei muito mais para me servir. O sumo de laranja já estava no meu copo alto e o bolo cortado para conseguir retirar facilmente. A nossa governanta pensava em tudo. O sabor devia ser tão bom como o cheiro.

— Pai, não devia largar o jornal e comer? Também tem trabalho hoje — adverti.

— Sim, filha, mas são notícias importantes.

— E não podem esperar que o pai termine a refeição?

— Esquece, Ida. — Finalmente o Garuel pronunciou-se. — O Max já lhe disse o mesmo.

— Pois foi. — O nosso pai pousou o *tablet* com a afirmação do filho. — Mas tal como a vossa irmã está a repetir o pedido, eu também tenho de repetir a mesma pergunta todos os dias: já contactaram as vossas Almas Gémeas?

Reparei como os gémeos se encararam, aflitos. Rapidamente, os olhos azuis do Maxione viraram-se para os meus castanhos. Levei um pedaço de bolo à boca, cortando o contacto visual. Se eles achavam que os iria ajudar, estavam muito enganados.

— E então? Estou à espera de uma resposta, meninos.

O som de cadeiras a serem arrastadas foi tudo o que se ouviu. Vi pelo canto do olho o Garuel a levantar-se.

— Talvez mais logo, pai. — Foi a única resposta que o Maxione lhe deu, levantando-se para sair.

O Garuel terminou de beber o leite em pé e tive de lhe dar uma palmada na perna com as costas da mão para se comportar.

— Isso não é resposta, Maxione! — Virou-se para o outro gémeo. — Garuel! — Mas este já dava a volta à mesa com a mochila às costas. — Rapazes!

— Até logo! — gritou o Garuel já fora da minha visão.

— Meninos! — O grito do pai foi tão alto que me fez doer os ouvidos.

O meu pai deu um longo suspiro e eu apertei os lábios para não rir. Aqueles dois não tinham noção dos cabelos brancos que lhe faziam crescer.

Todas as manhãs era o mesmo cenário: perguntas que os gémeos não queriam ter de confrontar, dando respostas evasivas, rápidas e com direito a saída apressada.

Eles não gostavam de tocar no assunto das Almas Gémeas, principalmente quando eu estava presente, mas não era algo que me afetasse e já lhos havia explicado. Agradecia a proteção, apesar de a mais velha ser eu, mas não tardaria a chegar o dia em que o nosso pai usaria os seus contactos para descobrir quem eram as Almas Gémeas deles e ser o próprio a marcar os encontros. Conhecia o patriarca Belmont o suficiente para saber do que era ou não capaz.

Levou as mãos à cabeça, deixando alguns fios negros caírem-lhe sobre a tez pálida.

— Eles dão-me cabo da paciência. Custa-lhes tanto falar neste assunto *porque*? Não o podem evitar para sempre. — Era obrigada a concordar. Mais cedo ou mais tarde, teriam de se conhecer.

— Dê-lhes tempo. — Levantei-me ao olhar para as horas. Teria de sair ou chegaria tarde. — Eles só têm dezassete anos.

— Nessa idade já eu namorava com a vossa mãe. — Dei um pequeno sorriso com a imagem deles ainda a namorar.

— Eram outros tempos. — Aproximei-me e beijei-lhe a bochecha. — Até logo, pai.

— Até logo, meu amor.

Saí de casa e caminhei até à universidade. Não tinha planeado levar o carro. Precisava de andar e não me podia demorar mais ou não chegaria a tempo da primeira aula na Universidade 29.

Deixei para trás as ruas de moradias e prédios baixos. Faltava pouco, menos de cinco minutos, quando avistei os prédios de torres cinzentas, destacando-se no meio dos edifícios de escritórios, interligados por túneis quase nos últimos andares. Ainda achava tudo demasiado vertiginoso.

Cumprimentei alguns colegas e procurei pela Rytha, mas lembrei-me que ela só teria aulas mais tarde e segui em direção à sala para a primeira aula. Quando esta terminou seguiu-se outra do curso de Biologia antes do almoço. Passei-o com a Rytha e alguns amigos dela, que apreciaram tão pouco a minha presença como eu a deles, antes da chegada da última aula.

Levantei os olhos do portátil mal soou o sinal a indicar-nos a hora de saída. Reparei em muitos dos meus colegas a bocejar após se endireitarem, enquanto outros se apressavam a levantar das cadeiras azuis e a sair do auditório. As palestras universitárias conseguiam ser entediantes. Havia conceitos muito aborrecidos, por muito que genética fosse a minha área de biologia favorita.

Desliguei o portátil e o *tablet* onde tinha aberto o interessante livro de Siruel Lona: *Biologia Primária Modificada*. Terminei de arrumar a mala quando notei os olhares que me eram dirigidos. Era o grupo a quem rejeitara ajudar no trabalho laboratorial. Inicialmente não quis admiti-lo, mas com o tempo tornou-se evidente o quanto se aproveitavam das minhas notas altas e do meu desempenho académico para realizar os trabalhos. Desde que rejeitei ajudá-los, não deixam de me olhar de lado. E o meu nome de família teve de vir ao de cima na conversa, como se tal estivesse relacionado com o meu empenho nos estudos.

Peguei na mala e saí do auditório. Por muito que tentasse ignorar frases e olhares, era difícil não me sentir excluída apenas por ser filha de Airon Belmont, uma das entidades de mais alto cargo na Alda 29. Graças ao meu sobrenome, havia sempre uma espécie de linha invisível a separar-me dos meus colegas, mostrando o porquê de muitas das minhas tentativas para me integrar falharem. Precisava de admitir que também não fazia grande esforço.

— Finalmente terminou! — Um braço pálido tentou posar sobre os meus ombros, reconhecendo a voz da Rytha, a qual se juntou a mim na travessia do florido pátio.

Conhecíamos-nos há tempo suficiente para um olhar a fazer parar de me puxar ou agarrar. Apesar de ser a minha melhor amiga, eu nunca fora dada a contato físico. Até com outros colegas, mesmo sabendo que insistiam em rodear-me somente por mero interesse, um capricho, de forma a mostrarem à sociedade com quem se relacionavam. Não os culpava! Nunca fizera nada para os afastar.

— Como foi a aula?

— Aborrecida. Não! Mentira! — Terminou de soltar o cabelo loiro e começou a procurar algo na sua enorme mala castanha. Ela adorava que tudo fosse em grande, o que era engraçado tendo em conta a sua estatura. Eu limitava-me a levar a maior parte dos materiais nas mãos. — Vê só. A Hulga enviou-me mensagens a dizer para voltar para ela. — Aproximou-me o aparelho para que as lesse. Só faltava a pobre rapariga implorar por uma reconciliação, mas todas as suas tentativas haviam sido negadas.

— Lamento por ela. — Estava a ser um pouco cruel, ao rir-me da dor alheia, mas era mais forte do que eu. — Ela apenas gosta realmente de ti.

— E isso importa? Só porque a Alma Gémea dela não quer vir para cá, nem ela para lá, eu não tinha de lhe ficar a aquecer o lugar na cama. — Guardou o aparelho antes de os seus grandes e escuros olhos azuis me fitarem, com um sorriso trocista nos seus lábios cheios e cobertos de batom vermelho. — Ambas sabemos que ela não é a minha Alma Gémea. Aliás, ela também o sabe. O meu belo homem, porque ele é lindíssimo — não consegui evitar uma curta risada —, está na Alda 19, lembrás-te? E nós estamos bem longe dela.

— Sim, eu sei disso. — E o meu, decerto, está feito em cinzas.

— Ó, linda, desculpa. Sei que odeias esta conversa. — Abraçou-me, de repente, sussurrando vários pedidos de desculpas, apertando-me entre os braços e corpo robusto.

Não me importava de falar sobre o assunto. Mas é claro que não me sentia propriamente confortável.

Segundo o meu teste, quem era suposto estar-me destinado, já não constava como candidato no banco de dados das Aldas. Não fora a melhor notícia que recebera após o meu décimo sexto aniversário. Nesse dia vira vários outros adolescentes saírem da sua respetiva sala com um sorriso no rosto e com um simples pensamento: havia uma pessoa que lhes era destinada.

Eu apenas sabia o seu nome. Não tinha um rosto.

Marcuz Servad.

O nome de um homem que jamais iria conhecer.

— Sabe tão bem poder ir para casa!

Enquanto ouvia a Rytha falar, acenei a um rapaz moreno, vendo-o de mão

dada com a namorada, em frente dos portões prateados da universidade. Só o ato parecia ter provocado ciúmes nela, ainda que não tivesse razões para tal.

— Nem acredito que ela foi realmente capaz de deixar a sua Alda e vir para esta viver com ele. — Encolhi os ombros ao que a Rytha dissera. O que podia dizer? Eram Almas Gémeas. — E ele deixou isso acontecer mesmo depois de te dizer tantas vezes que te amava, o quão apaixonado era por ti... — Sorri apenas por vê-la suspirar de forma dramática.

— Sabes bem que nunca acreditei numa única palavra. Sabia bem ouvi-las, mas eram sempre... Não eram nada! Nunca tive esperanças de ficar com ele.

Jamais me valeu de muito acreditar nelas. Sempre soube que a minha sociedade era cheia de regras e normas, e uma delas, sem dúvida a mais inquebrável, era a das Almas Gémeas.

— Vens comigo até ao jornal?

— Agora?

— Óbvio. — Agarrou-me de imediato pelo braço. — Estamos ambas a precisar de espairecer.

— Indo ao teu local de trabalho?

— Depois vamos sair! — Deixei-me ser guiada por ela sem protestar. Não valeria a pena.

Sabia bem que a Rytha detestava falar sobre aquele tema, por vezes, mais do que eu. Já a vira exaltar-se quando tínhamos aquela conversa. Sabia que estava relacionado com o seu lado mais protetor e, apesar de adorar, não a queria ver chateada.

Segundo os nossos superiores — e propaganda — cada um de nós tinha alguém destinado, de idade não muito distinta, com quem iríamos partilhar tudo, felizes num casamento estável e saudável, até ao fim dos nossos dias. Uma união perfeita.

Menos para mim.

Eram muito poucas as pessoas que não tinham alguém destinado. Simplesmente não havia compatibilidade com alguém — sendo raríssimo — ou, tal como o que aconteceu comigo, a outra pessoa já havia falecido. Com um resultado desses, disseram-me que só teria duas opções: uma delas era ficar sozinha o resto dos meus dias, pois éramos praticamente obrigados a casar com a nossa Alma Gémea e não importava se o nosso coração pertencia a outra pessoa. A segunda hipótese seria encontrar alguém com o mesmo resultado.

Começámos a descer a rua e os barulhos da cidade misturavam-se com o das crianças que brincavam alegremente no parque. Não muito longe, o elétrico passava dentro do túnel de cúpula transparente, sob a ponte cinzenta

que cobria uma pequena parte do lago no meio do jardim. Da rua dos cafés e restaurantes chegava o cheiro de pratos deliciosos, que me relembra que era hora de lanchar. Acreditava que a nossa governanta teria algo preparado.

O sinal ficou verde para atravessarmos. Passámos um prédio de quatro andares e chegámos à rua principal onde ficavam os edifícios mais altos. O sol refletia nos vidros, como se fossem espelhos, enquanto as diversas trepadeiras, verdes e viçosas, mal deixavam perceber o cinzento do prédio. Sempre achei que as diversas árvores nos canteiros davam uma certa frescura e tranquilidade à rua, mesmo com o frenesim dos veículos.

Passámos a rua cheia de lojas, com montras ricamente decoradas, deixando a minha amiga a querer comprar cada peça.

— Haidi! — chamou a Rytha. — Olha este chapéu!

Deixei-a admirá-lo, observando um dos grandes ecrãs preso no alto de um poste elétrico. Estava a ser transmitida a propaganda dos testes. A bela mulher de cabelos escuros e pele alva, anunciava as datas do teste para todos aqueles que iriam fazer os seus dezasseis anos na semana seguinte. As mesmas podiam ser facilmente consultadas na página oficial da Alda Central. Ficavam disponíveis duas semanas antes para ninguém falhar o dia, juntamente com o horário de entrada na sala de teste. O Teste era obrigatório.

Uma mensagem seria sempre enviada para o correio eletrónico dos pais. Os adolescentes teriam de se apresentar à entrada para conseguirem realizar todos os testes necessários que *ditariam a sua felicidade*, tal como anunciava a mulher. Obriguei-me a tapar os olhos, sem perceber o que me iluminava mais: o seu sorriso resplandecente ou os raios de sol que atravessavam a cúpula que nos cobria das diversas mudanças do mundo exterior.

A Rytha voltou a puxar-me, apanhando-me distraída a olhar para o ecrã.

Era possível avistarmos, ao longe, um grupo de trabalhadores empenhados em verificar o estado de uma das ventilações que permitia a entrada de oxigénio nas Aldas. Havia vegetação por todo o lado: desde plantas e flores, que desciam dos telhados e varandas, até jardins cheios de árvores. Porém, não eram o suficiente para nós. Precisávamos do ar que vinha do exterior. Com a população a crescer, era essencial. E os filtros que compunham as ventilações, eram de extrema importância durante as tempestades de areia.

Antes de chegarmos ao baixo prédio da redação do jornal, não pude deixar de notar que em frente, na grande praça — a maior de toda a Alda —, iria começar uma espécie de espetáculo. Havia umas quantas carrinhas de vários lugares, de onde entravam e saíam homens e mulheres. As pessoas começavam a reunir-se na praça, curiosas. Também queria ir ver, mas a Rytha insistia para continuarmos.

— Dá uma vista de olhos e diz-me se estão ou não perfeitas.

Entrámos no prédio e fomos diretas aos elevadores, juntamente com outros funcionários. Ela deu-me o *tablet* branco que ela retirou da mala. Soube de imediato o que ali havia dentro: fotografias.

O grande sonho da Rytha era ser jornalista, mas teria de começar por algum lado, e candidatara-se a um trabalho esporádico como fotógrafa num jornal local, enquanto tirava o curso na universidade da nossa Alda.

Pelo menos, uma de nós já estava a exercer, de certa forma, a profissão que queria. Como cientista que ambicionava ser, ainda não tinha tido experiência em laboratórios reais, apenas uma longa visita guiada pela Alda Central onde se realiza o Teste das Almas Gêmeas. Já era o meu terceiro ano como universitária e contava que em breve houvesse aulas práticas fora dos laboratórios académicos.

— Estão fantásticas. — As fotografias que estava a ver eram provas de que um político andava realmente a ter encontros fora do casamento com acompanhantes. Essa era uma das coisas à qual me podia dedicar, caso quisesse estar com alguém. — Como as conseguiste?

— Através dos meus contatos no mundo obscuro da civilização. — Tive de me conter para não rir alto à frente das pessoas. Quando a porta do elevador se abriu, já não precisava de o fazer enquanto nos dirigíamos aos cacifos enfileirados logo ao lado. — *Okay!* — O suspiro fez afastar alguns fios de cabelo da face redonda. — Segui-o. — Abriu o seu cacifo para que colocássemos os nossos pertences. Fiquei somente com o *tablet* dela nos braços. — Fiz umas pesquisas para saber onde ele vivia e depois foi só uma questão de usar os meus excelentes dotes de detetive.

— Tens algum, sequer?

Ela soltou de imediato um *Ei*.

Parámos de rir quando entrámos na zona de escritórios. A Rytha cumprimentou quase todos e eu limitei-me a fazer o mesmo com aqueles que conhecia, como estagiários ou repórteres que já me haviam entrevistado e ao meu pai e que, felizmente, não me tinham dado vontade de responder mal. Acenei e reparei que era comum em cada secretária, todas umas atrás das outras, estar, para além do computador, um copo de café. O dono da máquina de cafés devia fazer uma fortuna graças a eles.

— Podemos? — perguntou a Rytha quando abriu a porta após a permissão vinda do outro lado.

Entrámos e o homem à nossa frente limitou-se a levantar o olhar por breves segundos, fazendo sinal com a mão para que passássemos. Pensei em ficar de fora. Detestava o cheiro a tabaco e café que se misturava ali dentro.

Mas não tive hipótese de decidir quando a Rytha me puxou para dentro do espaço amarelado e quadrangular.

— Tens as fotografias?

— Claro. — A Rytha começou por ir à mala que nem estava com ela. Toquei-lhe no ombro para que percebesse onde estava realmente o *tablet*. Agarrou-o e pousou-o sobre a mesa, após murmurar um agradecimento. — Estão aqui.

O chefe dela ligou-o, inspecionando cada fotografia. A Rytha estava com aquele sorriso forçado que colocava quando estava nervosa. Ajeitou os calções, cobrindo um pouco mais as coxas cheias. Estava inquieta. Se o que tinha não fosse bom, o seu trabalho não serviria para nada e não iria receber.

O patrão levantou-se, mostrando o quão alto e magro era debaixo da camisa verde e calças caqui, coçando a grossa barba aparada. Parecia interessado no que via. Assentia e falava sozinho, sussurrando para consigo.

De repente, olhou para a Rytha e sorriu brevemente.

— Excelente trabalho. — Tornou a sentar-se, retirando da secretária um outro *tablet*. — Irei fazer a tua transferência.

— Excelente trabalho como sempre, certo?! — Devia estar felicíssima com o pagamento.

— Sim, sim. — Tornou a olhar para o seu computador. — Quando precisarmos outra vez de ti, chamamos. — Levantou os olhos sem fazer o mesmo com a cabeça. — Rytha Price, certo? — Ouvi a minha melhor amiga suspirar.

— Pela milionésima vez, e olhe que não estou a exagerar, sim.

Começou a escrever, dispensando-nos com a outra mão. Saímos de imediato sem fazer perguntas. A Rytha limitou-se a murmurar um *obrigada*, ao qual ele não prestou atenção.

— Simpático como sempre — afirmei.

— Patrões, querida amiga, patrões. Mas sabes uma coisa? — Brindou-me com um enorme sorriso. — Podemos ir às compras!

— Eu posso ir a qualquer hora.

— Nem todos somos filhos de políticos, lembra-te?

— Mas isso nunca te impediu de nada.

— Não quero abusar de ti... Muito.

Vimos alguns dos funcionários passarem por nós, dirigindo-se rapidamente às grandes janelas. Fizemos o mesmo, correndo para elas, observando o espetáculo montado lá fora. Parecia um circo, mas muito menos circense ou colorido do que estávamos habituados. A praça enchera-se com as suas atuações e de pessoas que pararam para assistir.

— Vamos ver! — A Rytha agarrou-me pelo braço e fomos diretas para os cacifos, onde ela deixou o *tablet*, juntamente com o que já lá estava.



4

HAIDI

Saímos do prédio a correr e juntámo-nos às pessoas na praça. Tentámos passar pela multidão que rodeava o local principal do espetáculo, até que começámos a ser impedidas de avançar. Acabámos por conseguir encontrar um muro baixo, junto aos canteiros e árvores. Subimos sem hesitar e ainda cheguei a raspar com a ponta de uma das minhas botas brancas. Felizmente a bainha do vestido azul batia-me nos joelhos.

O local onde estávamos ficava consideravelmente perto do centro. Havia apenas duas filas de espectadores entre nós e o centro do espetáculo, se olhássemos para cima, conseguíamos ver alguns dos trapezistas a descenderem, de forma absolutamente incrível, da árvore atrás de nós. Escorregavam pelos ramos que não davam sinal de fragilidade com o peso dos seus corpos altos e robustos.

Havia cerca de cinco pequenos trampolins, por onde praticamente todos eles pulavam. Passavam vários malabares entre si, contorciam-se como se fossem bonecos articulados, realizando acrobacias fantásticas ao som de música. Alguns prendiam a atenção das crianças com truques de magia, arrancando enormes e variados rebuçados das mangas ou, simplesmente, fazendo-os aparecer nas mãos como se fossem verdadeiros magos.

Todos eles usavam roupas largas em tons beges, juntamente com um fino colete de outra cor, sem nunca a repetirem, à exceção de dois homens vestidos de verde e em tonalidades diferentes.

Apesar de pouco coloridos, as cores eram bem fortes e vivas, sem qualquer tipo de logótipo ou nome de companhia. Todos usavam uma máscara a tapar-lhes não só os olhos, como todo o nariz, sendo elas da mesma cor que os coletes, sem qualquer tipo de brilho ou adorno especial. Serviam para ocultar as suas identidades e, talvez, para dar um pouco de vida ao vestuário constituído por camisola, calças e um gorro de malha cinzento a cobrir boa parte da cabeça de poucos deles.

Fazia anos desde que vira um espetáculo como aquele. O riso e admiração do público eram ouvidos em todo o lado, tal como os aplausos de entusiasmo; obviamente, eu não conseguia ficar indiferente à agitação.

— Haidi, olha ali!

A Rytha chamou-me a atenção para os homens dos trampolins. Saltavam alto, giravam e até trocavam de lugar com os colegas, sempre com um sorriso no rosto. Não hesitavam na hora do salto ou em qualquer outro momento. Para dizer a verdade, pareciam divertir-se, não só pelo entusiasmo do público, como pelas acrobacias exibidas.

Um deles, o de máscara azul, saltou para os ramos acima de nós. Não pude evitar levantar a cabeça, curiosa com os seus movimentos. Para meu espanto, prendeu-se pelas pernas de forma a deixar cair o corpo na nossa direção, dando origem a um murmúrio geral do público. Enquanto baloiçava suavemente diante de mim, abriu um sorriso, fazendo o meu crescer, apesar do nervosismo.

Assim de perto, aparentava ter a minha idade, de cabelos um pouco mais longos do que os outros homens. Talvez acima dos ombros? Deviam tapar o pescoço. Os fios eram castanhos-escuros com reflexos dourados. Seriam naturais?

Os seus olhos eram realmente... particulares. Cada um com a sua própria cor. Via-se que o esquerdo era de um castanho-claro que podia jurar ser caramelo, enquanto o direito continha uma bela tonalidade azul, recordando o mar que só conseguia ver em imagens.

Ele continuava à minha frente, sem dizer uma palavra. Balançou mais umas quantas vezes, diminuindo a distância entre nós. Queria recuar, receosa com a possibilidade de chocar contra mim, mas se recuasse mais um passo, cairia para cima das plantas do jardim. Quando tornei a encará-lo, senti os seus lábios colarem-se aos meus por meros segundos, o suficiente para lhe sentir o sabor salgado e quente. E para me deixar estupefacta, escutando comentários admirados.

O trapezista subiu o corpo para o ramo da árvore antes de saltar na direção do trampolim, não sem antes me mostrar um enorme sorriso de satisfação.

Senti uma leve cotovelada no meu braço e vi a Rytha sorrir. Não tinha vontade de o fazer naquele momento. Aquele beijo apanhara-me completamente de surpresa e deixara-me sem reação. Pensei, por momentos, que talvez o pudesse conhecer, mas jamais havia conhecido alguém com heterocromia, especialmente com cores tão únicas.

— Beija bem?

Olhei-a de lado, mostrando a pouca piada que aquilo teve.

— Nem vou responder a isso.

Ela riu-se.

— É pena ter deixado o telemóvel lá em cima! — Lá ia a Rytha começar com as suas invenções. — Podia ter fotografado a Haidi Belmont a ser beijada por um artista de rua... Daria uma bela notícia, não achas?

Não pensava responder-lhe.

Vi o homem de azul juntar-se aos restantes no chão, enquanto os companheiros terminavam várias acrobacias. Não tirei mais os olhos dele. Dispensava que se lembrasse de fazer algo tão engraçado como aquele beijo. Pelo menos comigo!

E porquê comigo?

A música estava bastante alta, mas não o suficiente para abafar o som das sirenes da polícia que se aproximava. Na estrada parecia haver alguma confusão. Dois carros da polícia estavam a perseguir um outro, preto, e uma moto vermelha que fugia a toda a velocidade. As pessoas afastaram-se da estrada assustadas. A música parou e apenas se ouviu um som horrível, como um estrondo.

As pessoas ao nosso redor começaram a gritar e a fugir. No centro, estava uma das mulheres malabaristas a erguer a arma que disparara.

Era uma arma antiga, um modelo anterior aos novos que foram criados juntamente com as Aldas. São raras e difíceis de adquirir em comparação com as armas de choque a curta e longa distância, atualmente usadas pelas autoridades.

— Haidi! — A Rytha, que já tinha descido do pequeno muro, acordou-me do torpor e olhou com um misto de preocupação e medo. — Vamos!

Desci e ela agarrou-me logo na mão. Passámos a praça a correr de cabeça baixa para nos protegermos. Porém, ouvi a Rytha gritar. Tive apenas tempo de a ver cair, agarrada ao braço direito enquanto a sua mão se enchia de sangue.

Sangue. Os disparos.

A Rytha fora alvejada. Olhei em redor, procurando uma solução. Pensando no que fazer. Ela precisava de ser vista. Precisava de um médico!

— Rytha, temos de continuar! Não podemos ficar aqui! — Vi-lhe as lágrimas a escorrer pela face enquanto mordida o lábio. — Vem — pedi.

Tentava procurar um local onde nos podíamos abrigar e apercebi-me de que nenhum era seguro. Tudo começou a parecer demasiado perigoso, confuso. Não sabia o que fazer, nem por onde ir. Qual era a direção das urgências mais próximas?

A Rytha levantou-se e andou um pouco, mas as dores mostravam ser demasiadas, então acabou por se abaixar. A sua mão ficava cada vez mais

ensanguentada e a minha cabeça começava a comprimir-se, ameaçando turvar-me ainda mais os pensamentos.

Baixei-me ao nível da minha amiga e respirei fundo. Não me podia deixar derrotar, não quando ela precisava de mim. Não quando as nossas vidas estavam em perigo.

Mais lágrimas escorreram-lhe pela face. A Rytha cerrava os dentes com força e quase jurava que estava mais chateada do que com dores e só esse facto conseguiu acalmar-me. Ela era forte e eu também teria de o ser por ela. Acabou por se levantar rapidamente e deixou-me guiá-la, curvada, até às carrinhas próximas à praça.

Começámos a ouvir disparos por cima dos gritos, provenientes de mais do que uma arma. Olhei por cima do ombro e vi que a polícia também começara a disparar, após chegar um reforço de mais dois carros, mas mal alcançavam os seus alvos.

Com a Rytha ofegante e a queixar-se de dores, vi-me obrigada a parar quando nos aproximámos das várias carrinhas estacionadas, observando como várias pessoas passavam por elas a correr, assustadas.

— Vamos abrigar-nos aqui. — Não pensei duas vezes ao ver as portas de um dos veículos abertas. Parei e puxei a Rytha para lá.

Obriguei-a a sentar-se na carrinha, que estava voltada para o lado oposto daquele terror. Rasguei com toda a força a ponta do vestido e consegui algo equivalente a uma ligadura. O tecido era fino, mas teria de servir por enquanto.

O ferimento parecia não ser fundo, mas também não era somente um arranhão, sendo visível o corte no braço. Não era grande, apenas parecia não querer estancar.

Esperava que tudo terminasse depressa para podermos sair dali e esquecer a existência daquele dia. Instintivamente, tentei agarrar na alça da minha mala e procurar o telemóvel, mas não a tinha comigo. Vi a Rytha olhar por cima dos bancos e reparei que também não tinha nada com ela.

Levantei-me, percorri a bagageira e olhei para os bancos da frente, esperando, estupidamente, a aparição mágica de um telemóvel. Bufei de frustração ao ouvir a minha amiga queixar-se de dores e não poder ir buscar assistência médica sem a deixar só.

Voltei para junto das portas e acabei por tropeçar numa das quinquilharias espalhadas, antes de ouvir uma explosão. Apressei-me a encostar uma das portas, deixando a outra ligeiramente aberta.

Uma nova explosão ouviu-se nitidamente. Ambas gritámos com o susto, mas não alto o suficiente para nos impedir de ouvir a outra porta fechar com toda a força, empurrada para dentro por quem fugia no exterior.

Estávamos trancadas.

— Não. Não, não, não, não...

Olhava para as portas e para o puxador sem querer acreditar no que tinha acontecido. Tentei mexer no trinco, empurrando a porta com força, na vã tentativa de ouvir qualquer som para conseguirmos sair, mas nada. A Rytha parecia incapaz de dizer algo. Já o meu cérebro não parecia querer raciocinar corretamente.

Após diversas tentativas, soltei um palavrão ao lembrar-me das portas da frente. Bastaria sair por elas, abrir a porta à Rytha e correríamos dali para fora. Contudo, antes de conseguir subir pelos bancos, a minha saia foi repuxada.

— Estás a ouvir? — Fizemos silêncio. Ouviam-se passos de corrida, vozes e tiros a aproximarem-se. Estavam a vir na direção da carrinha. — E agora?!

Não conseguia falar, muito menos pensar. A culpa era minha por estarmos ali dentro quando podíamos ter fugido como os restantes. Que ideia fora a minha?! Pus a vida da minha melhor amiga em risco de forma tão idiota.

— Temos de sair daqui... — Era tudo em que pensava.

Quis passar de novo por cima dos bancos, mas ao ouvir as portas da frente abrir, encolhi-me ao lado da Rytha. Havia várias vozes, femininas e masculinas misturadas, ordenando a uns e a outros que se despachassem, gritando para deixarem pertences para trás. Entraram à pressa, agitando o veículo e fechando as portas com toda a força, antes de arrancarem.

— Que merda! Aqueles idiotas não podiam ter sido mais discretos? — A mulher diante de nós atirou a máscara amarela para onde estávamos, acertando-me na perna nua.

— Eu avisei que isto ia acontecer! — resmungou um homem uns bancos mais à frente. — Não devia ter aliado o meu grupo ao 3.

— Não comeces, Elliot! — avisou a mesma mulher diante de nós. — Como se agora a culpa fosse nossa. Também não estavam lá os do Grupo 4 e 5?

— Deixem os meus fora das vossas discussões! — avisou uma outra mulher.

— Desculpa, Lili — pediu a mulher que falou em primeiro.

— Isso não muda o facto de a maior parte de vocês, do 3, arranjam sempre confusão com a polícia!

— Queres mesmo que te recorde do que aconteceu da última vez? — A discussão entre o homem da frente e outro mais próximo estava a ficar tensa, mas o que me preocupava naquele momento era como iríamos sair dali.

— Temos assuntos mais importantes a tratar do que rivalidades de grupos,

não acham? — A mulher tinha uma certa razão; afinal, ainda se ouviam tiros e duas estranhas tinham invadido o seu automóvel.

Um outro tiro foi disparado, mais perto. Estariam eles a fazer isso em andamento? Olhei para a Rytha. Estava a tremer, apertando os lábios um contra o outro, deixando-os brancos. Dei-lhe a mão, apertando-a. Mostrou-me um fraco e nervoso sorriso. O meu, certamente, não seria melhor.

— Precisamos é de sair desta Alda. — Não queria acreditar no que ouvia.

— Lili, liga aos outros e vê se estão todos bem. Já não os vejo atrás de nós.

Alguém começou a atirar as máscaras e os coletes para onde estávamos. Alguns acertaram-nos na cabeça e nas restantes partes do corpo. Até uma delas raspar diretamente na ferida aberta da Rytha. Ela não conteve o queixume. Mesmo que lhe pedisse silêncio, acreditava que fosse tarde de mais.

Ouvi um som pouco familiar sobre mim, contudo, consegui identificá-lo imediatamente.

Levantei a cabeça e a primeira coisa que vi foi o cano de uma pistola brilhar diante da minha face. Passou-me tanta coisa pela cabeça, principalmente a minha estúpida ideia de nos meter dentro daquela carrinha.